Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Arnaldo Cecconi

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

São José do Rio Preto/SP

2014

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Entrevistada: Arnaldo Cecconi

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Local da entrevista: Sala dos professores do prédio da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, situado na Avenida dos Estudantes, nº 3278, Jardim Aeroporto, em São José do Rio Preto/SP

Data: 15 de fevereiro de 2014

Horário: Às dez horas

Técnico de gravação: Eduardo Gabriel Silvestre Dias, aluno matriculado na 2ª série do Ensino Médio e no 1º módulo do curso de Mecatrônica de 2014.

Duração: 1 hora e 21 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

Entrevista de história oral temática realizada pela professora Jurema Rodrigues, curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, São José do Rio

Preto, em São Paulo, com o colaborador, professor Arnaldo Cecconi, em 15 de fevereiro de 2014, às dez horas, realizada na sala dos professores do prédio da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, situado na Avenida dos Estudantes, nº 3278, Jardim Aeroporto, em São José do Rio Preto/SP, sobre a temática "Laboratório de Mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto e Coleção de Práticas Escolares e Pedagógicas" desenvolvidas por Arnaldo Cecconi em sua trajetória de docência no curso de Mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. A filmagem realizada pelo monitor do Centro de Memória de 2014: Eduardo Gabriel Silvestre Dias, aluno matriculado na 2ª série do Ensino Médio e no 1º módulo do curso de Mecatrônica de 2014. A abordagem metodológica utilizada consiste em testemunho de pesquisa em História Oral. Fundamenta-se no diálogo entre a entrevistadora e o colaborador, na participação de alunos monitores na filmagem, digitalização, na coleta de dados de fontes primárias e secundárias dos acervos escolares, de documentação, de jornais locais, pesquisa bibliográfica, e arquivamento de dados no Centro de Memória do Philadelpho. Além disso, tem a finalidade de compor o projeto "História Oral na Educação: memórias do trabalho docente", proposto pela Maria Lucia Mendes Carvalho, coordenadora de Projetos na CGTEC/SDMEPP/GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Após o cumprimento das etapas de filmagem, edição e transcrição da entrevista, finalizam-se o trabalho com a publicação do registro historiográfico, sendo assim, busca fomentar os Estudos de Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional Tecnológica do Centro Paula Souza como também busca promover e preservar o acervo do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto.

Jurema Rodrigues e Arnaldo Cecconi durante entrevista

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Transcrição da entrevista

Data da entrevista: 15 de fevereiro de 2014

Data da transcrição da entrevista: 11 de maio de 2014

Recebido por e-mail revisado: 5 de agosto de 2025 para reeditar e hospedar no projeto HOE: memórias do trabalho docente, volume três, no site de Memórias do Centro Paula Souza.

Jurema Rodrigues (JR): Entrevista com o Professor Arnaldo Cecconi, admitido em 15 de março de 1971, para as disciplinas de Desenho e Resistência de Materiais no curso de Mecânica no antigo Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, na Avenida Brigadeiro Faria Lima n° 5541.

JR: Bom dia professor Arnaldo Cecconi.

Arnaldo Cecconi (AC): Bom dia.

JR: Professor da Etec Philadelpho Gouvêa Netto desde 15 de março de 1971. É com muita satisfação que começamos essa entrevista e, também quero, desde já, falar que o trabalho de filmagem e edição é do aluno de Mecatrônica e, também do Ensino Médio do segundo ano, Eduardo Gabriel Silvestre Dias. Bom, começando, eu pedi para o senhor fazer um histórico de sua vida, sua família, da sua vida hoje.

AC: Bom, eu vim para São José do Rio Preto assim que eu terminei o curso de Máquinas e Motores, fui convidado por meu pai, para ser sócio de uma empresa construtora, Gerosa Cecconi & CIA Ltda. Lá trabalhando, solteiro ainda, com 27 ou 28 anos, uma vida corrida, nós tínhamos mais de 100 empregados. Em 1970, foi criado o ensino técnico do segundo grau de Rio Preto, Colégio Técnico, mas o professor Olavo Fonseca não tinha professores para lecionar na área de mecânica. Então, conversando com meu irmão, meu irmão disse: parece-me que fui a uma formatura do meu irmão para coisa de mecânica, máquina, não sei bem o que que era. O professor Olavo falou: manda ele aqui. E eu fui conhecer o professor Olavo Fonseca. Aí ele pediu para que eu ficasse lá, que eu desse aula e tudo mais e eu disse: - mas, eu não posso, tenho uma empresa, é difícil para mim. E ele: não, não. Enfim, me convenceu e eu fui lecionar na escola técnica, na época, já com nome de Colégio Técnico

Industrial de São José do Rio Preto, cujo vestibular foi em janeiro de 1971 e nós tínhamos, mais ou menos, uns 70 a 80 alunos inscritos, parte do curso de Mecânica e parte do curso de Edificações. A escola começou realmente a funcionar em março, num prédio que estava sendo adaptado com uma verba de Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), que fazia parte da instalação do projeto, num prédio que era para ser um hospital da criança, na frente do hospital de base. Lá, em março começou a funcionar, eu fui um dos primeiros professores, comecei a trabalhar no dia 15 de março de 1971. Lecionando, me apaixonei por lecionar, como sempre continuei com minha vida profissional, com a minha firma construtora e com outras atividades e lecionando. Corrido! Para que eu desempenhasse bem minha função, eu fui procurar cursos de Pedagogia, de formação e tudo mais. Infelizmente fechou a escola de São Paulo, que dava parte pedagógica, e depois apareceu o curso na UNAERP, inclusive eu fiz parte para montar esse curso na UNAERP, na época. Daqui da escola foi eu, a Lucia (Maria Lúcia das Neves Gomes) e o Geraldo (Geraldo Pecatielo Júnior). Nós fomos fazer o curso que era Esquema, que depois foi dado como Esquema II. Nós fizemos o curso em Ribeirão, sexta e sábado, toda sexta-feira nós íamos para lá, fazia aula e no sábado também na UNAERP. Com isso, nós conseguimos o diploma e o registro no MEC, hoje não tem mais isso. Mas, eu tenho o registro no MEC em Desenho, Desenho Técnico em Mecânica e Produção Mecânica. Bom, continuei lecionando, a escola passou por uma série de transformações, nós éramos do Departamento do Ensino Técnico, passou a ser Secretaria da Educação, mas em 1972 ou 1973. Aquela mudança que houve na educação, reforma total etc. e tal. O professor Olavo Fonseca, que era diretor do ginásio e do colégio, se mudou para Ourinhos. O Clóvis Sanfelice ficou um pouco na direção, porque ele era vice-diretor e professor de Biologia. Nessa mudança, um pouco antes da mudança, ele convidou o professor Chafic Balura para ser diretor do Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto e o Clóvis Sanfelice ficou como diretor do Ginásio Industrial. Mas, a reviravolta toda, que os diretores foram transferidos e transformados, nós recebemos um diretor efetivo que foi o professor Armando Poles e, já na gestão de seu Armando Poles, esse prédio (Avenida Dos Estudantes, nº 3278) estava sendo construído para abrigar a escola. Em 1977, nós mudamos a escola da Avenida Faria Lima para esse prédio, já não existindo mais o Ginásio Industrial. O Ginásio Industrial foi extinto por patronímico Philadelpho Gouvêa Netto, passou para o Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, que na mudança também, passou a ser chamado de Centro Estadual Interescolar Philadelpho Gouvêa Netto. Aqui, antes da mudança, nós fizemos um levantamento do prédio e um layout como seria cada coisa, não só a parte de cultura geral, como também sala de desenho, as oficinas, que nós fizemos em todos os laboratórios, laboratório de solda, laboratório de máquina, laboratório de estudo, laboratório de cortes, tudo separado, tudo organizado. Então quando, nós fomos trabalhar máquinas, que foi um sacrifício, porque não

tinha verba, o que é normal. Hoje nada de verba, mas na época não tinha verba. Nós conseguimos um caminhão emprestado da prefeitura, um munck (caminhão com equipamento de carga e descarga) da companhia que na época era a CPFL, outro munck da Telefônica. Com isso, que nós, professores e alunos, transportamos tudo de lá para cá, com esse pessoal todo. E aqui chegando, já íamos colocando cada peça no seu lugar. Depois com o decorrer do tempo, nós fomos ligando, cada máquina tinha um dispositivo de segurança e a instalação toda aérea e com os corredores livres de passagem. A sala de desenho técnico do curso de Técnico em Mecânica era lá em cima, onde era para ser a biblioteca. Depois, houve uma inversão, a sala de desenho de mecânica veio para baixo e a de edificações foi lá para cima. Eu continuei estudando, fiz o curso Esquema I, em Taquaritinga, para o curso de Edificações, eu dei aula e montei o Esquema em Rio Preto, muitos alunos, muitos professores nossos, fizeram o curso. Nesse ano, eu, a Carolina (Carlina Cosenzo Araújo) e um professor de fora que veio de Ribeirão. Nós fizemos o curso para o pessoal de enfermagem, de prótese, mecânica, edificações, todos os cursos. Eu, estudando mais, fui fazer curso de professor no curso superior, de escola superior. Depois, em 2001, eu fiz mestrado na Universidade de Marília, UNIMAR, com o tema “A Educação Profissional como agente do desenvolvimento sustentável”. Sempre com minha empresa construtora, essa que eu era sócio com meu pai, nós fechamos em 80, mais ou menos. Depois eu montei uma, sozinho, eu e minha mulher, pois precisa ser duas pessoas para ser limitada e atualmente tenho um loteamento “Recanto do Lago”. Aposentei-me na escola, em 19 de agosto de 2000, voltei a lecionar no mesmo ano em agosto, prestei o concurso novamente e voltei a lecionar e fui exonerado em 30 de maio de 2007 por ter completado 70 anos de idade, dia 30 de maio de 2007. Hoje, sou aposentado, tenho minhas atividades, principalmente meu loteamento. Tenho grandes amigos dentro da escola Philadelpho, que isso aqui para mim foi uma passagem da minha vida que não posso perder. Em 1998, fui homenageado com uma placa na sala de desenho, professor Arnaldo Cecconi, cuja placa deverá ir para o curso de Mecânica, lá no laboratório, assim que terminar a reforma. E me encontro semanalmente com os professores dos cursos de Mecânica e Mecatrônica.ok!

JR: Têm netos?

AC: Tenho, graças à Deus. Casei-me, minha esposa é professora, diretora, depois de supervisora, aposentada hoje. Tenho três filhos, dois engenheiros-civis e um formado em informática, inclusive hoje, mestre pela USP de Bauru. Os outros dois, um engenheiro continua como engenheiro, diretor de empresa, e o outro, também engenheiro, hoje é comandante de voo internacional da TAM. Junto com o curso de engenharia ele fez o curso

de pilotagem, com 17 anos ele já era piloto. Desses três filhos que se casaram, nasceram seis netos: dois homens e quatro mulheres. Posso dizer que o meu neto mais velho se formou no ano passado em engenharia de mecatrônica na UFU de Uberlândia, e hoje é engenheiro mecatrônico na Souza Cruz, em Belo Horizonte. Estou muito bem, graças a Deus, de saúde, de tudo e ainda adoro esta escola. A escola foi..., eu não passei pela escola, eu vivi a escola. Sempre amigo dos professores, dos diretores e dos alunos. Os diretores tiveram sempre o meu apoio total por duas razões: uma é por serem pessoas fabulosas; outra eu sempre tive muita amizade em São Paulo, então isso facilitava o acesso e as coisas para a escola, tanto que eu fui responsável pelo PROEP, que nós conseguimos inicialmente, um milhão e meio de dólares e gastamos três milhões de dólares organizando a escola. Tanto que eu assinei o convênio do PROEP no lugar da diretora Maria Carolina Cosenzo Araújo, que estava na época nos Estados Unidos. Está bom?

JR: Bom, esta foto aqui é do laboratório do curso Técnico em Mecânica, lá no prédio da Avenida Brigadeiro Faria Lima. Comente como eram as aulas, os cursos, o laboratório de mecânica e os alunos naquela época.

AC: Quando o Colégio Técnico começou, em 1971, nós recebemos do Departamento do Ensino Técnico simplesmente três tornos e uma máquina de solda. No decorrer de 1971, nós conseguimos novos equipamentos e a prefeitura municipal nos dava o caminhão para trazer os equipamentos para Rio Preto, na época que o prefeito era o Adail Vetorazzo. Eu ia a São Paulo no Departamento do Ensino Técnico e conseguia as coisas. Briguei, briguei entre aspas, equipamentos que eram para Escola Getúlio Vargas e mais para as outras, cujos diretores eu tinha amizade. Então em vez de ir para Getúlio Vargas ou outra escola, eu punha no caminhão e vinha para Rio Preto. No fim de 1971, nós já tínhamos, mais ou menos, umas 10 ou 12 máquinas funcionando a pleno vapor, como todos os alunos e tudo mais. A escola foi adaptada, metade do prédio funcionava o Colégio Técnico Industrial e metade do prédio funcionava como Ginásio Industrial. Cada um com seu pessoal, o Colégio Técnico tinha secretária, secretaria, inspetora de alunos, o almoxarife e tudo, o Ginásio Industrial também tinha todo esse pessoal. Eram separados e juntos, cada um tinha sua sala de aula, não misturava, e cada um tinha seu laboratório, assim como a sua secretaria, suas coisas. O que tinha, era a sala dos professores que era uma só, todo mundo junto e o recreio também era um só, todo mundo junto. Então os alunos do Colégio e do Ginásio se interagiam, mas era bem separado.

JR: E as aulas, tinha sala para parte teórica e o laboratório para parte prática?

AC: Nós tínhamos duas salas de aulas para as aulas comuns, ou mesmo para as aulas teóricas, com uma sala de edificações e uma sala de mecânica. Laboratório só tinha o de mecânica. Edificações tinha o almoxarifado, onde guardava alguns equipamentos como o teodolito e essas coisas. Sala de desenho nós não tínhamos, era feito na carteira mesmo, com uma régua bem pequena, de madeira inclusive, esquadro etc. e tal, mas era na carteira. Tinha umas carteiras um pouco maiores que as atuais, então dava para trabalhar.

JR: E nas aulas práticas, no laboratório, os equipamentos eram suficientes, tinham ferramentas suficientes, como que eram estes trabalhos? O que eles confeccionavam? O que eles praticavam no Colégio Técnico Industrial?

AC: A primeira turma do Colégio Técnico Industrial era de três anos. Ele tinha qualidade como o colegial e a parte como técnico. Alguns alunos, tanto de Mecânica como do outro curso de Edificações, como era novo, não acreditavam muito. Então, na escola técnica, faziam o Colégio Técnico e faziam o científico no Instituto de Educação. Um deles era a Maria Lúcia, a professora Maria Lucia (Maria das Neves Gomes) que é professora hoje aqui. Depois que se firmou então o pessoal não fazia mais dois cursos, mas inicialmente eram os dois cursos. Nós tínhamos bons professores, principalmente na parte técnica, engenheiros e alguns professores de cultura geral, que eram professores de outras escolas, como a Leuda Pietsch, que era professora de Matemática, a própria Isabel Menezes, lecionava História, a mulher do Dr. Carlos Arnaldo e Silva, Emília Almeida Arnaldo e Silva que ensinava português, o Poty (Poty Peloso Jorge) que era engenheiro da CPFL, lecionava física, o Bosco (João Bosco Quirino Espindola) também engenheiro da CPFL, lecionava, mas não lembro bem quais disciplinas, eu que dava a parte técnica de mecânica e alguns outros professores de outros cursos.

JR: Na parte técnica era você e quem mais?

AC: Era eu e tinha um professor que era do, não lembro mais....

JR: Mas vocês eram em dois?

AC: Eu era o efetivo e o outro era o auxiliar. Porque o professor Evaldo (Evaldo Batista) e o professor Nilton Silva não podiam lecionar no Colégio por falta de formação, licenciatura.

JR: Eles ficaram no Ginásio industrial?

AC: Eles já eram professores do Ginásio.

JR: Fale sobre os equipamentos para mim dessa época?

AC: O equipamento tudo novo, mudou, todos os equipamentos que vieram do colégio eram novos.

JR: Eles vieram todos da indústria brasileira?

AC: Ah sim, a maioria eram da Indústria Nardini. A Nardini era, não em Santa Bárbara, era a Indústria Brasileira IMOR, a cidade antes, da Indústria Nardini eu não lembro o nome.

JR: Indústria Brasileira, tudo brasileiro?

AC: Tudo brasileiro. Tudo, tudo, tudo brasileiro. Todo equipamento que veio do colégio até hoje sempre foi brasileiro. O ginásio industrial tinha uns equipamentos importados por causa da guerra que foram para outra escola, que foi desativada e quando desativada veio para o ginásio. Tinha umas fresadoras, mas os tornos, mesmo este torno que você está vendo na fotografia era da Indústria nacional

JR: Santa Bárbara do Oeste, IMOR.

JR: Na década de 50?

AC: É, então, não. De lá, ele foi para outra escola e da outra escola veio para o Philadelpho.

JR: Romi, o que significa?

AC: IMOR é a inversão do nome. Romi Indústria Brasileira, eles criaram para produzir automóvel, mas não tiveram o incentivo do governo e o carro não saiu. Chegaram a produzir 100 unidades, acho que até mais, a famosa Romiseta. Era um carro que a porta abria para frente e não de lado, as rodas dianteiras tinham dimensões diferentes da traseira e ele estacionava de frente também. Totalmente diferente, um carro para o uso urbano, mas infelizmente faltou incentivo. Ele ainda deve ter em museu etc. e tal.

JR: Hoje eu vi, ainda tem a empresa Romi? E a Imor?

AC: Não, a Romi não tem não mais. A Imor que existe, tanto que o CNC (Controle Numérico Computadorizado) e o Centro de Usinagem CNC que nós temos, são da Imor, fabricados pela Imor. O nosso centro de usinagem, que nós compramos através do PROEP, foi o primeiro que a Imor fez, ela estava desenvolvendo este Centro de Usinagem e faltavam algumas peças, algumas coisas que eram importadas então, atrasou, mais ou menos, 120 dias para entrega, depois de ganha a concorrência e tudo mais. Como eram férias, não atrapalhou nosso planejamento. Nós temos hoje, ele é completo, completo com todo equipamento de troca de peça, todas as peças e tudo mais. Então a máquina veio com tudo que existe de novidade.

JR: Quando vocês vieram para o prédio aqui, da Avenida dos Estudantes n° 3278, vocês trouxeram todos os equipamentos e, também receberam novos?

AC: Primeiro nós trouxemos todos os equipamentos, trouxemos também os equipamentos do Ginásio Industrial, apesar de não terem sido instalados, ficaram separados, mas dentro do prédio, pois nós tivemos que desocupar lá. As luminárias e uma série de coisas do prédio lá, nós doamos para o São Judas. De lá mesmo já foi direto para o São Judas. E algumas coisas, ferramentas mesmo, nós já demos para o São Judas, o resto trouxemos tudo para cá porque nós tínhamos que desocupar o prédio totalmente. Carteira, mesa, trouxemos tudo, mesmo não usando e descartando, nós trouxemos para este prédio. Nós fizemos a mudança em janeiro, fevereiro, apesar de o prédio ter inaugurado em agosto ou setembro, não me lembro agora.

JR: 6 de agosto de 1977.

AC: Nós viemos no começo do ano, em janeiro.

JR: Vocês vieram em janeiro depois que teve a inauguração?

AC: É, nós viemos e já funcionando. Nessa mudança toda, houve certas adaptações. Quem não foi embora, por exemplo, a professora de história, Isabel (Isabel Menezes), foi embora por causa da escola. Os funcionários da escola, do colégio técnico, desistiram e transferiram-se e tudo mais. Então, o que aconteceu, por exemplo, a Tami Cury era secretária do Ginásio, ela veio ser secretária do Colégio. O professor Evaldo (Evaldo Batista) era professor do Ginásio, veio para o Colégio como professor dois e não três. Readaptaram praticamente. Nós tivemos alguns casos assim também.

JR: O prédio da Avenida Faria Lima, o senhor Evaldo trabalhou no Colégio também, ou só no Ginásio?

AC: Só do Ginásio industrial.

JR: Ah, só aqui ele veio para o Colégio?

AC: Só aqui ele veio e depois daqui ele fez o curso Esquema, nós montamos o Esquema de Ribeirão para os professores. Foi um trabalho todo feito.

JR: Aí, ele pode lecionar no Colégio?

AC: Ele foi, foi o Antenor Habara que morreu, foi uma outra professora de tele Maria Angela Lopes e foi o Jair Latange e Joaquim Odamir de Morais que fizeram o curso lá. Aí eles puderam lecionar no Colégio.

JR: Bom, voltando para os equipamentos, esses equipamentos do Ginásio, então vocês deixaram e depois aproveitaram alguma coisa?

AC: O que nós pudemos aproveitar, lógico que nós aproveitamos. O que não era viável, como esses tornos de 1950, não estavam na modernidade, não podiam usar essas máquinas. Fica difícil você formar um aluno com uma máquina que é defasada. Tanto que quando nós fizemos a reforma nas oficinas em cinco anos, em 1990 e poucos, uma série de máquinas nós fizemos leilão.

JR: O que foi esse leilão?

AC: Esse leilão foi público, inclusive foi eu que presidiu o leilão. Uma empresa de São Paulo fez uma proposta de pagar e não ter o leilão. Eu não aceitei, aceitei não. O leilão é público e vai acontecer. A proposta deles me parece que era em torno de R$10000,00 e nós conseguimos arrecadar R$60000,00 ou R$70000,00. Foi bem diferente. Leiloamos serra, motosserra, torno, fresa, tudo equipamentos, em bom estado, se não, não poderia ir a leilão e sempre mantivemos oficinas funcionando e todo equipamentos, mas que não cabia na modernidade, pois hoje se fala só em CNC (Controle numérico computadorizado), você tem que ainda usar um motor comum para ele aprender os funcionamentos da máquina. Mas 90% das empresas hoje são tudo CNC, ainda tem empresa de pequeno porte trabalhando com

equipamento padrão, universal. Mas empresa de grande porte tem que ter sua atualização. Ou você se atualiza ou sai do mercado. Não têm condições.

JR: Que tipo de equipamento vieram com a mudança para cá?

AC: Todos os equipamentos. Vieram tornos, fresas, bancadas, máquina de solda, serra de fita, serra comum, furadeiras, todo tipo de equipamento que um laboratório completo tem. Aqui nós recebemos depois durômetros, eu consegui, por exemplo, as fitas do Telecurso de Mecânica através do PROEP. Então, foi instalado o televisor e o telecurso te ajuda algumas coisas que você não tem condições. Por exemplo, nós não temos o alto forno para mostrar como é produzido o ferro de uso, o ferro comum. Com a fita, você mostra através da fita, então, ensaios, por exemplo, destrutivos nós não tínhamos, então, através do telecurso você mostrava. Para dar uma informação global nós usávamos os recursos visuais. Na parte de desenho, nós compramos um “MacStation”, no curso de desenho e que é usado até hoje pelas grandes empresas, a Volkswagen, a Chevrolet, a Ford, usam “MacStation”. Então, nós recebemos trinta, não é trinta, são vinte e oito ou trinta licenças. Foram R$ 10000,00 reais, mas na época não era o real, nem sei qual era moeda, sim era cruzeiros.

JR: Que ano que era, você lembra?

AC: Em 1997, 1998. Quem fez o curso foi eu e o José Ricardo (José Ricardo Camilo Pinto), fizemos o curso em Ribeirão, íamos todos os sábados para fazer o curso.

JR: É José Ricardo?

AC: É José Ricardo Camilo Pinto.

JR: Você se aposentou, mas você tem estado aqui em contato com os professores, muito desses equipamentos quando o prédio foi instalado aqui, ainda estão em funcionamento?

AC: Ah sim, estão. Foi o que eu te disse, nós sempre mantivemos tudo funcionando perfeitamente. Se um professor de mecânica não é capaz de manter uma máquina funcionando, ele não é um bom professor. Então, todas as máquinas, aconteceram muitas vezes de quebrar uma peça, nós fabricávamos outra peça ou substituíam, mas sempre, todo equipamento, sempre esteve funcionando perfeitamente. Alinhado e tudo mais.

JR: Quando passou da Secretaria da Educação, acabou vindo e foi para a Tecnológica, como que a escola, o Colégio reagiu? A equipe escolar?

AC: Aí teve algumas transferências, da Secretaria da Educação foi criado uma para ciência, foi para Secretaria de Ciência e Tecnologia, com sede na Avenida Rio Branco, na antiga sede do governo do estado. Inclusive, o diretor presidente era de Rio Preto, mas uma vez tivemos acesso livre dentro da secretaria. Só que eles não conseguiram gerenciar as escolas técnicas. Então a escola técnica ficou meio no vazio, saiu da Secretaria da Educação e foi para uma secretaria que não tinha estrutura para isso. Já existia o Centro Paula Souza com sete escolas. Uma vez, tentamos ir para o Centro Paula Souza, só que houve o movimento inverso para que não passasse para o Centro Paula Souza. O pessoal que estava no Centro Paula Souza tinha ordenado muito maior do que o nosso na Secretaria da Educação, então houve um...

JR: Quem fez o ensino público?

AC: Os professores e o pessoal que estava no Centro Paula Souza que eram sete escolas. A Getúlio Vargas, a escola de São Bernardo e o Centro Paula Souza eram junto com a USP. Tanto que, você sabe, quem é que desiste de uma briga por causa de ordenado entre USP e nosso, a escola técnica. Lá, como a Secretaria de Ciência e Tecnologia não conseguiu gerir, ficou voltada para a Secretaria da Educação, que também não tinha condições de gerir a parte técnica da escola. Falou-se em passar para as Secretarias por exemplo como agrícola, a Secretaria da Agricultura, a mecânica seccionada em várias partes, uma parte com a Secretaria de Desenvolvimento, outra parte com outra coisa. Os cursos de Edificações para a Secretaria do Governo, enfim, ia fazer, desmanchar. Essa é a verdade. Se você pega a escola que na época já tinha vários cursos, tinha Telo, tinha Eletro, tinha Mecânica, tinha Edificações, eu não sei, acho que estava começando a Informática. Então se você separa isso tudo, a Enfermagem e Informática iam para saúde, umas coisas assim. Mas ainda um movimento de dez pessoas, pelo menos constavam, trabalhando para resolver a coisa, fomos até os Notáveis. Era um grupo de formados de professores da USP, que chamávamos de Notáveis, que estava gerenciando estas mudanças na educação. E nós fomos para lá porque a história estava fechada. Lá nós conseguimos convencê-los que nós tínhamos e estávamos bem instalados, tínhamos condições e que o ideal seria ir para o Centro Paula Souza. Teve movimentos contrários, mas o governador, não me lembro quem na época que era, e passou a escola para o Centro Paula Souza. Aí começou uma série de problemas, primeiro, para lecionar na Paula Souza tinha que ter uma série de requisitos, inclusive o Esquema I.

Segundo, todos os professores deveriam fazer um concurso na Paula Souza, cujo concurso foi feito em São Paulo, Campinas e mais. Nesse concurso uns passaram e outros não. Quem não passou era tchau e benção. Você entrou nesse né? Eu não lembro que ano foi.

JR: Eu prestei, acho que foi em 93, e,,. em 95, eles chamaram.

AC: Então, 93 nós estávamos aqui. Não, até foi gozado que eu não tive tempo para estudar, como muita gente, nós estamos super atarefado na mudança e tudo mais. Então a cúpula da escola, eu, a Maria Carolina Cosenzo Araújo, Marinelva Tozo Lopes, que era vice-diretora, quem mais, cinco ou seis pessoas, nós não tínhamos tempo porque tínhamos que cuidar da escola e eu sempre com minha empresa. Eu não posso, aqui não ganhava dinheiro porque professor é muito bom, você sabe, ganha nada e não é muito dessas coisas (risos). Por exemplo, eu peguei livros meus e dei para o Evaldo Batista e o Jair Lattanze estudarem para fazerem o concurso, eu não podia estudar. Para não dizer que não fiz nada, uns três ou quatro dias antes do exame eu me sentei com o Evaldo e o Jair e fui fazendo perguntas para eles. Sanando dúvidas deles e isso foi o tempo que eu estudei no concurso. Fomos para o concurso, eu passei. Marinelva Tozo Lopes de matemática não passou, o Joaquim Odamir de Morais de matemática não passou, a Maria Carolina Cosenzo Araújo que prestou história não passou, e assim uma série de professores.

JR: O senhor Evaldo Batista não passou?

AC: Não passou, nem o Jair Lattanze. Bom, terminando o concurso, por exemplo, veio o professor de Marília aqui para pegar aula do curso de Mecânica, só que ele chegou e os pontos dele eram menores que o meu, se fossem maiores, ele pegaria as aulas. Aí eu acabei pegando tudo, umas trinta e seis aulas ou quarenta, uma coisa assim, e para ele sobrou o que, três ou quatro aulas, então para ele não interessava. Ele pegou, mas largou. Foi aí que eu precisei chamar professor de fora, ai eu chamei o Rolando Roberto Santoro e o José Rubens Fogaça trabalharam dois anos, como era provisório, foram embora, ai veio dois professores que não deu certo, inclusive tivemos problema com eles. Passados dois anos, fiz novo concurso e veio outra vez o Rolando Roberto Santoro, José Rubens Fogaça e o Joseph Ricardo Giuseppe Ricardo Passarini**,** foi mais tarde o Rubens Barreto Alvarenga, o José Ricardo Camilo Pinto, só que para esses professores, o concurso foi aqui, bem diferente do nosso concurso lá na Paula Souza (risos). Aqui eles vinham e davam uma aula e depois exigiam algumas coisas, mas muito mais fácil.

JR: Com a mudança para o Centro Paula Souza, o que proporcionou para o curso de Mecânica, o que aconteceu enquanto, os materiais e equipamentos?

AC: Inicialmente não tinha verba, ficamos trabalhando, tinha uma verbinha. Nós trabalhávamos muito com a APM. Com a APM nós conseguíamos dinheiro e muito mais, APM era muito forte certo, e com o dinheiro da APM resolvíamos os problemas dos materiais e tudo mais para o curso funcionar. E na passagem para o Centro Paula Souza, houve uma mudança radical nas grades. Bom, eu acredito que nesses 35 anos que fiquei na escola, deve ter tido mais ou menos umas 15 grades diferentes, porque tinha muitas, até hoje está mudando.

JR: Principalmente nessa época da mudança.

AC: Principalmente nessa época da mudança, o Centro Paula Souza ficou meio perdido, de sete escolas para oitenta, a coisa mudou. Ah! O diretor superintendente era eleito, até que, o Marcos Monteiro entrou com indicação do governador, e até hoje é assim, não tem eleição. O Marcos Monteiro saiu e ficou a secretária dele, que é a Laura Laganá, e o Marcos Monteiro está na crista da onda, enquanto o PSD tiver, ele está muito bem, certo. Eu sempre tive, outra vez, amizade tanto com o Marcos como com a Laura Laganá. Tanto que no meu tempo quando eu trabalhava, a Laura Laganá sempre me recebeu assim como o Marcos Monteiro. Ele que me autorizou assinar o convênio com o PROEP no lugar do diretor, porque não tinha diretor na época. O Almério (Almério Melquíades de Araújo) sempre foi principalmente para área de Mecânica e Mecatrônica etc., muito solicito, tipo de indivíduo com conhecimento técnico muito bom. Inclusive, quando eu fiz a minha tese, ele me mandou a tese dele para me orientar em algumas coisas, só que a minha tese não era não tem nada a ver com mecânica, minha tese foi arquitetura urbana, eu lecionei na faculdade de engenharia.

JR: Qual faculdade?

AC: Dom Pedro, em ... 1990 e ....

JR: 1996?

AC: Não foi antes, foi antes, comecei lecionar faz vinte anos, em 1986. Depois eu fui para a arquitetura quando abriu, continuei a lecionar nas duas faculdades: engenharia e arquitetura. Começou apertar, minha firma construtora, lecionando na engenharia e na arquitetura e fiquei coordenador no Philadelpho, a coisa começou a enroscar um pouco.

JR: Quando você passou a ser coordenador do Philadelpho?

AC: Desde o começo, sempre coordenei. Afastei-me um pouco e pus o José Carlos Teixeira Filho para o meu lugar, mas não adiantou nada, o Teixeira ganhava e eu trabalhava, Teixeira ganhando e eu trabalhando (risos).

JR: Depois da estruturação do Centro Paula Souza, estava mais organizado, adaptado, com as escolas novas, quanto ao investimento?

AC: Ah! Então, o investimento da Paula Souza não foi lá aquelas coisas, mas eles conseguiram o PROEP.

JR: Quando que foi o Proep? PRO-E-P!

AC: PROEP, com p mudo, em ...,

JR: Quando que foi?

AC: Agora você apertou, em 90 e pouco, 1997 ou 1998, por aí, até 2000 e pouco, foi remanejando verbas, porque não conseguia fazer a verba do Centro, os papéis, que eles, a escola, mandavam, tinha vamos supor uma verba de cem mil, eles não conseguiram fazer os papéis que precisava, então perdia verba, no prazo necessário.

JR: Quem não conseguiu?

AC: A escola.

JR: A escola não conseguiu mandar os papéis.

AC: Eles pediam muita coisa. Eu tenho...

JR: Então a verba proposta era maior do que ficou?

AC: Não, cada escola tinha sua verba e nós chegamos a trabalhar 48 horas sem sair de dentro do Centro Paula Souza para conseguir a verba do Banco Interamericano. Feita a proposta das sete escolas, Ribeirão Preto, Santos, Rio Preto, Botucatu ..., cada uma tinha

uma verba, a nossa era um milhão e meio, a de Santos era três milhões porque reformou o prédio da escola, a de Ribeirão, não lembro quanto era. Não sei se você estava aqui, professora, pediam uma lista de livros, tinha que correr atrás, para mandar com nome do livro, dos autores, de onde era e o preço. Era assim, telefonava e diziam depois de manhã tem de mandar com urgência, aquela loucura.

JR: Com urgência.

AC: Com urgência, eu trabalhei na véspera de Natal do dia vinte e quatro até às dez horas da noite para mandar para São Paulo.

JR: Com isso muitas das verbas ....

AC: E outros ganharam, nós ganhamos, graças a Deus nós ganhamos

JR: Quanto ao ganho, o que favoreceu a escola e principalmente o laboratório de mecânica?

AC: A escola ficou superequipada em todos os itens, em tudo que nós pedimos e em dobro, em todos os cursos.

JR: Para todos os cursos?

AC: Em todos os cursos, por exemplo, para o curso de enfermagem, veio boneco, cérebro, coração. Para o curso de prótese, para uma série de coisas. Para o curso de edificações, vieram teodolitos com CNC, com tudo. O curso de mecânica, vieram vários equipamentos modernos como torno CNC.

JR: Fale devagar, torno?

AC: Torno CNC: controle numérico computadorizado.

JR: Certo, o que mais?

AC: Centro de usinagem CNC, centro de usinagem é uma máquina que substitui o torno, a plaina, a fresadora, e faz tudo sozinho, inclusive troca de ferramenta, certo? Outros computadores não só para mecânica, para mecatrônica, para informática, para o núcleo

comum, para todo mundo. Deve ter vindo, duzentos ou uns trezentos, de última geração, sempre inclusive com certificação. Não era nada pirata, essas coisas foi o PROEP que nos proporcionou. O piso da escola era de madeira, não sei se você lembra disso, certo, tirou todo o piso de madeira, foi feito um contrapiso, tudo para melhor, e um piso de granilite industrial, não risca e não tem problema nenhum, certo, hoje estão mudando não sei por que, mas não quero saber, estou fora. (risos)

JR: Bom, em 1999, os professores do laboratório de mecânica fizeram umas alterações, umas mudanças no laboratório e você era o coordenador. Fale um pouco sobre essas mudanças.

AC: É exatamente o que eu falei, nós precisávamos receber as máquinas novas, certo, então tinha algumas coisas que não eram obsoletas, mas não eram modernas, então nós fizemos um levantamento daquilo do que poderia ser descartado, sem atrapalhar o curso. Por exemplo, tínhamos duas furadeiras de colunas que não, não havia, se usam mais, tínhamos alguns tornos que poderiam ser retirados, mais velhos, que vieram de 1970, não que eles estivessem, eles estavam funcionando normalmente, mas eram máquinas mais antigas. 1971 vieram três máquinas, 1972 mais cinco, e assim por diante, cada vez vinham máquinas mais modernas, a máquina antiga você tinha que trocar as engrenagens, a mais moderna tinha uma caixa de câmbio e você mudava a engrenagem como para fazer num câmbio de automóvel, entendeu? A modernidade até que chegamos no CNC, é um controle moderno computadorizado, inclusive o nosso já tem máquina mais moderna, você sabe que o campo de informática o boom industrial é muito grande, dia a dia muda, melhora, aperfeiçoa, deixa de ser robusto. Se você olhar essa máquina de 1950, que é robusta, pesada e pegar uma máquina hoje, ela é moderna, ela é leve, é frágil, só que ela é inteligente, da diferença é essa. Você vê o automóvel, comparar com o automóvel é mais fácil. Se você pegar um carro de 1945, na época da guerra, você pode chutar a paralama dele que não amassa, se você pegar um carro hoje, o meu filho encostou na porta do carro de outro que abriu de repente, quebrou paralama, para-choques, tudo de plástico, teve que mudar tudo, tudo de plástico. Então as máquinas de hoje são inteligentes, mas são frágeis. Então, com a retirada dos equipamentos, nós fizemos um leilão, foi exatamente para reorganizar. Aliás, já conversei com o professor Rolando ele já fez uma lista de novas máquinas para serem doadas para outras escolas, no ano passado.

JR: Foram.

AC: Uma série de máquinas para poder reorganizar, pois com a reforma da oficina, não cabem todas as máquinas, há uma série de máquinas que não têm razão de ser, e não vai parar por aqui. Daqui cinco a seis anos, tem de se reorganizar novamente, porque ou você se atualiza, ou você está fora do mercado.

JR: Essa reorganização ela contribuiu para a melhoria do andamento do ensino de aprendizagem dos alunos?

AC: Sim, é claro, sem dúvida. A reorganização tem dois fatores, uma que depois que foi criado o curso de mecatrônica, teve que colocar curso de mecânica e mecatrônica no laboratório, então nosso laboratório tinha que ser mais atualizado, porque a mecatrônica envolve a eletrônica e a mecânica; a mecânica com auxílio de eletrônica. Por isso você tem as máquinas mais antigas que são os tornos antigos que não atendem totalmente ao curso de mecatrônica; já o torno de CNC e o centro de usinagem CNC, esses sim atendem totalmente o curso de mecatrônica, então, assim como atendem também a mecânica, porque o aluno de mecânica e mecatrônica tem que estar familiarizado com máquinas modernas. Não pode ficar, você dá um curso, o sujeito sai lá fora e encontra a máquina moderna, assim tem que se atualizar, o curso tem que se atualizar, inclusive têm máquinas novas aí chegando para serem instaladas.

JR: E as pessoas manuseiam as máquinas?

AC: Sim, manuseiam as máquinas, o curso é uma vantagem do curso técnico sobre o curso superior de engenharia mecânica e mecatrônica é que o técnico tem o aprendizado teórico e o prático. Ele vai para a máquina, faz o projeto e ele faz e vai executar aquilo. Ele tem que aprender ligar uma máquina, usar as ferramentas certas, velocidade da máquina, programar o CNC, então, ele vai para o papel, vai na frente do painel, vai programar o CNC, ele só faz o que você manda, se programar direitinho, para isso o aluno tem de aprender, ele vai lá e programa a máquina. Depois que ele programou, existem dois setores, um faz o ensaio só para verificar se está certo; dois, faz a peça para ver se funcionou. Um erro, a máquina não pensa, quem erra, essa história de dizer que o erro é do computador, não é a máquina que erra, é o digitador que erra. Mesmo coisa é dizer que a máquina erra, quem erra é quem programou a máquina (risos).

JR: A foto aqui que você trouxe, como que foi essa história?

AC: Ah! Não, aqui eu só pequei essa foto para mostrar os equipamentos de antes.

JR: A esse equipamento é de que ano, por volta de que ano?

AC: Ah! Não, essa foto aqui deve ser por volta de 1998 ....

JR: A esse equipamento foi recebido do PROEP ou não?

AC: Não, não, todo esse equipamento era de antes, o que falei para você, esse era o layout do que era antes; daqui para cá, nós precisávamos de espaço para pôr os equipamentos novos do PROEP, então precisamos tirar uma série de bancadas, os últimos tornos que eram os primeiros, então, passou, houve uma reorganização, inclusive na sala de solda, tinha uma montagem.

JR: Então, essa foto era uma montagem do velho e o novo.

AC: Não, era o que era a oficina, a oficina velha era assim, é que eu usava, tirava essa foto para divulgar o Vestibulinho, pois quem cuidava do Vestibulinho era eu, depois que veio a Lúcia. Eu no começo eu ia às escolas, levava essa fotografia para incentivar, divulgar a escola, para os alunos a fazerem os cursos. Íamos eu e o professor de edificações, de elétrica para falar, divulgar o Colégio. O nosso vestibular era diferente: o aluno prestava o vestibular, depois ele escolhia o curso. Então o que acontecia, nós pegávamos os melhores alunos da cidade, porque os melhores alunos escolhiam os cursos que eles queriam. A história de, aí já é coisa da Paula Souza, exigir que o aluno já se inscreva já no curso, não foi no começo do Centro Paula Souza, foi depois, da época do professor Japonês, não lembro o nome dele, aí às vezes acontecia, aconteceu, de para determinado curso não ter quantidade de alunos no vestibular, e outra coisa que aconteceu foi que em determinado curso, o aluno entrava com a nota seis e no outro curso tinha que entrar com a nota oito ou nove.

JR: Então você era favorável a essa época que entrava e escolhia depois.

AC: Eu ainda sou favorável, se você tiver, no núcleo comum não tem, é assim mesmo, só os melhores.

JR: Nós estamos recebendo agora os cursos integrados. O que você acha?

AC: Olha, o curso integrado ele é excelente, desde que professores que "vistam a camisa", isso é muito importante, sabe. Se você, aula não é só chegar e falar, professor tem que interagir com a classe o tempo todo, cedo e à tarde etc, senão aquelas aulas dele não têm valor, sinceramente não têm valor. E isso eu posso dizer que na mecânica, 80%, vamos dizer assim 90% dos professores interagem com os alunos, têm aqueles que não, tinha, mas não vou falar nomes, mas tem professor que vinha e assinava o ponto uma vez por mês, e ia embora, certo? Nós tivemos isso, até que resolveu pediu demissão. Nós tivemos outros tipos também, não é dizer que é mar de rosas, não é, mas graças a Deus, nós tivemos, bom tanto, por que o curso de mecânica sempre teve na crista da onda?

JR: Ele é o mais antigo.

AC: Não, tem Edificações.

JR: É também Edificações, mas começou com ele, Mecânica.

AC: É mecânica, mas não é, o curso, mas o curso, edificações teve desenho, o curso de mecânica, os professores, certo? Sempre ajudaram todo mundo, coisa que também teve, não sei hoje, mas o curso de informática também ajudava todo mundo, mas parece que hoje estão meio lá e cá, mas quando instalou, era um curso que instalou, cuidou de toda informática, os computadores do prédio, certo? Por todos os cursos, cuidou da informática, levou informática levou em todos os cursos, em edificações, em tele, em mecânica, em todo lugar, mas sempre o curso de mecânica, ah tem uma coisa aqui, certo? Mecânica vai e arruma, mas tem uma coisa aí, mecânica vai e arruma, edificações não faz, mas, isso eu não devia ter falado isso, mas já falei (risos).

JR: Mas pode falar ..., mas agora me fale, o que mais te marcou nesses anos de atuação na Etec Philadelpho Gouvêa Netto?

AC: Bom, o prazer de lecionar, certo? Fica marcado quando você vê aquela turma que saiu, e alguns anos depois, você o encontra - "O professor! tal e tal"; "Olha graças aquele curso eu estou bem na vida, eu tô não sei lá...". Então tem aluno, dá a primeira turma por exemplo que veio da APAE, APAE não, não é APAE, como chama lá?

JR: Senac?

AC: Não, ali, onde os meninos ...

JR: Alarme.

AC: Alarme, vieram do Alarme, certo, pobres, pobres. Fazíamos excursão técnica e fazíamos vaquinha para pagar para eles irem juntos, um deles era sapateiro, trabalhava de dia como auxiliar de sapateiro e à noite fazia o curso de mecânica. Inclusive, eu e o João Bosco Poty e eu mandávamos arrumar os sapatos e depois dávamos para ele vender, não quer dizer que nós estávamos dando, para não constranger. Foi, terminou o curso, prestou o concurso, entrou na TELESP, e outros entraram na CPFL, hoje estão aposentados com bom ordenado, netos? casados, com automóvel, porque entraram como técnico. Você encontra gente, deve ter passado nas minhas mãos mais ou menos uns cinco mil alunos e eu os encontro no mundo inteiro. Há pouco tempo eu estava em Porto de Galinha, chegamos, sentamo-nos na mesa para jantar, e na mesa para frente: - “O professor Cecconi, fui teu aluno, você não lembra de mim?” Como você não lembra de mim? É gozado, entra jovem, aí você encontra careca, cabelo branco, como você vai lembrar? Não vai lembrar. - “Oh! graças ao curso, eu não esqueço das suas coisas, lá na oficina. – “Tenho minha empresa, casei, minha esposa médica, tenho saudades’. Vai lá, me visitar. Então isso me dá uma satisfação muito grande. Ontem, fui comprar uma peça, uma memória para computador e encontrei - “Oi professor, ainda está lecionando, ainda?” Onde você vai, você encontra. Tive dois ou três, uns cinco alunos, no máximo, nesses trinta e cinco anos, a quem tive, que chamei a atenção, que fui exigente, mas nunca encontrei ninguém que disse que não gostava da minha aula, o professor não gostei de sua aula, todos que eu encontro me tratam super bem, graças a Deus.

JR: O que você diria para encerrar a entrevista?

AC: Eu diria que todas as escolas, aliás teve um plano em 64, se não me engano, em 68, para que todas as escolas tivessem uma formação profissional, não sei se você lembra disso, teve um plano assim, inclusive, para que todas as escolas, foram criadas escolas. O prédio aqui foi feito para isso. Todo aluno, todo jovem, deve estudar e fazer um curso primeiro, fazer um curso daquilo que ele gosta e não o que os outros acham que ele deve fazer. Não é ir à escola, só ver o professor lá na frente, isso você não aprende, você tem que assistir à aula assistir áudio, e estudar. Eu acho um absurdo o aluno estar sentado na sala de aula, o professor explicando e ele no laptop ou no celular. Outro absurdo em vez dele copiar, ele tira fotografia da lousa. Essa é a nova geração! (risos) E isso não aprende. Ele tem que arregaçar as roupas e estudar, assim estudando, fazendo um bom curso, será um bom profissional.

Hoje, um técnico pode ganhar tanto quanto um engenheiro, e até mais, o que precisa é ter capacidade, isso a escola não dá, isso é dele. A escola dá as orientações, agora, o uso de desenvolvimento é do aluno. Use e abuse da escola, é o que eu sempre disse para os alunos, vocês estão aqui, perguntem, usem, façam a escola te ensinar tudo que você precisa. Eu agradeço vocês terem me convidado, porque a escola sempre faz parte de minha vida. Espero que outras pessoas venham para cá, e, sejam felizes como eu fui. Muito Obrigado.

JR: Também agradeço a oportunidade de estar entrevistando e saber a satisfação do seu trabalho aqui na escola. Também agradeço a você, Eduardo, pela filmagem e depois pela edição. Muito obrigada.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Técnico em Mecânica
Máquinas e Motores
Departamento de Ensino Técnico
Secretaria da Educação
Esquema
Esquema II
Olavo Fonseca
Maria Lúcia das Neves Gomes
Geraldo Pecatielo Júnior
Práticas Escolares
Práticas Pedagógicas
Arnaldo Cecconi
Jurema Rodrigues
Almério Melquíades de Araújo
Marcos Monteiro
Laura Laganá
Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto
Ginásio Industrial de São José do Rio Preto
Etec Philadelpho Gouvêa Netto
Coordenação do curso Técnico em Mecânica
Laboratório de Mecânica
Placa Inaugural da Sala de Desenho

Construção Civil

Clóvis Sanfelice

Chafic Balura

Armando Poles

Centro Estadual Interescolar Philadelpho Gouvêa Netto

Técnico em Mecatrônica

Técnico em Informática

PROEP

Dados Biográficos do Entrevistado

Arnaldo Cecconi

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Arnaldo Cecconi - Nascido em trinta de maio de 1937 em São José do Rio Preto. Filho de Gino Cecconi e de Helena Gerosa. Casado com Sônia Maria Ferriani Cecconi, com quem teve três filhos: Arnaldo Filho, Humberto e Ronaldo, e seis netos. Formado em Máquinas e Motores, curso de formação profissional de dois anos, realizado em 1962 e 1963; Exerceu a função de Inspetor de Qualidade nos Motores Rolls - Royce S.A. de 1962 a 1963; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (FADIR, Faculdade de Direito de São José do Rio Preto/SP, em 1972); Licenciatura Plena em Mecânica, Desenho aplicado à Mecânica e Desenho Técnico (UNAERP, Universidade de Ribeirão Preto, em 1977), Engenharia Civil (FAENGER, Faculdade de Engenharia de São José do Rio Preto, SP, em 1983); Licenciatura Plena em Construção, (FATEC, Taquaritinga, SP, em 1998); Pós-Graduado em Didática de Ensino Superior (FARFI, Faculdade Rio-pretense de Filosofia Ciências e Letras, SJRP, em 1995);

Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UNIMAR, Universidade de Marília, SP, em 2001). Exerceu atividades profissionais docentes e de coordenação de área na Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, SJRP, SP, no período de 15/03/1971 a 30/05/2007; na Faculdade de Engenharia de São José do Rio Preto, SP, de 01/08/1989 a 27/02/2009 na disciplina de Desenho Técnico; e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José do Rio Preto, SP, de 01/03/1993 a 2002 na disciplina de Desenho. Em 1998 foi homenageado pela Etec, tendo seu nome atribuído à sala de Desenho. Aos dezenove de agosto de 2000, aposentou-se; no mesmo ano, foi readmitido após a realização de novo concurso. Em 2007, aos setenta anos, exonerou-se pela Etec Philadelpho Gouvêa Netto.

Dados biográficos da entrevistadora

Jurema Rodrigues

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Jurema Rodrigues - Licenciada em Letras pela FARFI - Faculdade Riopretense de Filosofia Ciências e Letras, São José do Rio Preto/SP (1984). Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar 1º e 2º graus pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” - Barretos/SP (1986). Magistério Matérias Pedagógicas de 2º grau pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” – Barretos/SP (1992). Pós-Graduação “Lato Sensu” - Especialização em Língua Portuguesa - UNICAMP (2013). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de 1986 a 2013. Professora de Língua Portuguesa e Literatura (1996 a 2013) da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza – GEPEMHEP, desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

desde 2013. Autora das publicações historiográficas registradas no site da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto: https://etecphiladelpho.cps.sp.gov.br/centro-de-memoria-da-etec-philadelpho-gouvea-netto/

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Arnaldo Cecconi

Termo de Autorização para uso de Imagem de Arnaldo Cecconi